



TRAJETÓRIA DE VIDA DE MULHERES EMPREENDEDORAS E O USO DE PRÁTICAS GERENCIAIS

*Joyce Cléia Rodrigues da Costa*¹

*Márcia Athayde Moreira*²

Eixo Temático 7: Jovens Pesquisadores

RESUMO

Esta pesquisa objetivou estudar se, a trajetória de vida de mulheres empreendedoras influenciou no uso de práticas gerenciais na gestão de seus empreendimentos. Adicionalmente, foi possível observar a percepção que as mesmas possuem sobre o que é o empreendedorismo, seu papel empreendedor, o entendimento e o uso de ferramentas gerenciais, dentro do contexto formado por sua origem sociocultural e econômica. Para a realização da pesquisa, foram entrevistadas cinco mulheres empreendedoras da região Metropolitana de Belém, a partir de um roteiro de entrevistas previamente organizado com 26 perguntas semiestruturadas. Como resultado, de um modo geral, foi observado que as empreendedoras se sentiram incentivadas pela família e amigos no início das atividades empreendedoras, se dividindo entre mulheres que empreenderam por necessidade e as que empreenderam por oportunidade, possuem estabilidade em seus empreendimentos, se consideram empreendedoras e todas relataram a existência de dificuldades persistentes até os dias atuais, as quais são equivalentes e consistentes entre as entrevistadas. Quando questionadas sobre o que são, e como utilizam ferramentas gerenciais, foi notada a existência de diferenças no entendimento e na forma de sua utilização. Concluiu-se, então, de acordo com os depoimentos, que a trajetória de vida das entrevistadas não exerce influência sobre suas práticas, onde, mulheres diferentes de origens e padrão sociocultural e econômicos diferentes exercem práticas gerenciais diferentes, sem que haja um padrão determinante.

Palavras-chave: mulheres empreendedoras; trajetória de vida; práticas gerenciais.

1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo sempre esteve presente na história da humanidade. Em todas as épocas, pessoas de natureza empreendedora se destacaram por terem iniciativas que as levaram a melhorar a vida de si próprias, de sua família e comunidade, com ideias inovadoras, resiliência às dificuldades e persistência frente aos objetivos de vida definidos. Mas certamente, com o passar do tempo, outros fatores contribuíram para o aumento e o estabelecimento do empreendedorismo no mundo: o aumento da população e a escassez do trabalho formal, a evolução tecnológica e a globalização, todos esses fatores cooperaram para o crescimento do empreendedorismo.

¹ Concluinte do curso de Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade da Amazônia. E-mail: joycerodriguescontabil@hotmail.com

² Doutora em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo – USP. Professora e pesquisadora do Programa de Mestrado e Doutorado em Administração da Universidade da Amazônia – PPAD/Unama. E-mail: athayde.marcia@gmail.com

É importante destacar os resultados que o empreendedorismo trás para a economia do país, bem como para a sociedade. Pode-se afirmar que o empreendedorismo é um forte contra-ataque ao desemprego, tornando-se um impulsionador do crescimento econômico (FORTES *et al.*, 2016). O relatório *Global Entrepreneurship Monitor -GEM* considerado a principal pesquisa sobre empreendedorismo realizada no mundo, ressaltou a crescente importância do empreendedorismo para a manutenção do nível de atividade econômica de um país, uma vez que a atividade de empreender liga-se ao *Produto Interno Bruto (PIB)* e ao contexto social e econômico nacional (GEM 2016).

Nessa conjuntura, convém discutir o papel que a mulher exerce sobre o crescimento acelerado do empreendedorismo nos últimos tempos. Para entender essa evolução torna-se necessário a realização de um breve retrospecto, dando ênfase ao papel da mulher nesse cenário, e destacando alguns dados relevantes.

Para Andrade (2009) historicamente, a inserção da mulher no mercado de trabalho ocorreu de maneira gradativa, tendo o início do seu empoderamento na década de 1970, consequência dos grandes movimentos feministas ocorridos na época, os quais lutavam pela igualdade de gênero. Já na década de 1980, devido à retração econômica, a qual fez com que vários integrantes da família tivessem que complementar a renda familiar, fortalecendo ainda mais o papel da mulher no mercado de trabalho, consequentemente a economia do país.

Nesse sentido, destaca-se Montali (2004), o qual constatou um rearranjo entre os diferentes componentes da família fortemente relacionados ao crescente desemprego que se instalou no país entre as décadas de 80 e 90, sem ignorar as alterações nas características da composição familiar, da pequena redução no seu tamanho e da mais significativa redução na proporção de filhos menores de 10 anos. Destacou também o crescente número de mulheres sem cônjuge, a participação da mulher chefe na renda familiar a partir de 1990, quando passa a ser responsável por mais que 50% do rendimento familiar. Já em 1985 elas eram responsáveis por 64% da renda familiar, chegando aos anos 2000 a 72% da massa da renda familiar (MONTALI, 2004).

Andrade (2009) complementa o argumento de Montali (2004), utilizando-se dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2002) afirmando que a expansão da mulher no mercado de trabalho também se deu graças ao aumento da escolaridade e diminuição da taxa de fecundidade, ressaltou que já no início dos anos 2000, as mulheres possuíam 8 anos ou mais de escolaridade, tinham, em média, 1,7 filhos, e as com menos de 4 anos de estudo tinham 3,7 filhos. Esses foram alguns fatores importantes para o fortalecimento frente ao mercado de trabalho, porém cabe ressaltar que mesmo possuindo o mesmo grau de escolaridade dos homens as mulheres ainda possuem renda inferior (MONTALI, 2004; ANDRADE, 2009).

Caminhando na história, pesquisa realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae, 2011) destaca que no período compreendido entre 2001 e 2010, em uma visão nacional, o número de mulheres empreendedoras aumentou 21%, e nesse mesmo período a participação da mulher passou de 29% para 31% do total de empreendedores no país. A pesquisa destaca ainda um aumento na diversificação das atividades femininas, antes concentradas nos serviços, para o comércio e a indústria, aponta que o rendimento médio mensal das mulheres no período estudado, continuou abaixo do rendimento dos homens, demonstrando que, apesar da grande evolução no que tange ao papel feminino no mercado de trabalho, entre as décadas de 70 e 2010, alguns aspectos continuam quase inalterados. Nesse contexto, destaca-se a influência que a trajetória de vida pode exercer sobre essas mulheres empreendedoras. Lima e Pozzobon (2005) reconhecem o comportamento que o indivíduo desenvolve em relação ao ambiente, caracterizado por sua

formação social, hábitos e costumes, influenciando sua orientação de produção econômica. Assim, diante da influência que o ambiente social, ambiental, cultural e econômico sofridos ao longo da trajetória de sua vida, constata-se a relevância das práticas gerenciais empreendedoras, bem como, sua importância para o desenvolvimento e manutenção das pequenas empresas.

Por práticas gerenciais se entende um conjunto de informações úteis para a tomada de decisão, levantadas a partir de técnicas e procedimentos contábeis e administrativos já conhecidos e tratados na contabilidade financeira, na contabilidade de custos, na análise financeira, na administração financeira, entre outros (MARQUES, 2011).

Dando ênfase ao empreendedorismo, pode-se citar Santos, Dorow e Beuren (2016), os quais destacaram que as ferramentas gerenciais se tornam cada vez mais imprescindíveis para a sobrevivência de médios e pequenos empreendimentos, porém nem sempre valorizadas o que causa grande transtorno a esses empreendedores. Nessa perspectiva, os empreendedores não devem tomar suas decisões baseando-se em usos e costumes, ou seja, de forma intuitiva. Santos *et al.*, (2016) destacam que esse fato ainda ocorre na maioria dos empreendimentos, por desconhecimento dos gestores ou por não estarem convencidos da utilidade dessas ferramentas no processo de gestão, causando dificuldades na administração, podendo até mesmo chegar à descontinuidade do negócio.

Assim, diante do contexto, essa pesquisa tem como estudar se, a trajetória de vida de mulheres empreendedoras influenciou no uso de práticas gerenciais na gestão de seus empreendimentos. Essa pesquisa se justifica por propor conhecer melhor a realidade das empreendedoras amazônicas a fim de proporcionar subsídios para o desenvolvimento de ações de capacitação e políticas públicas de auxílio ao desenvolvimento dessas mulheres, sendo portanto, uma pesquisa importante para as próprias empreendedoras, que por meio da pesquisa poderão realizar uma reflexão sobre suas próprias atividades, para os demais empreendedores, para acadêmicos e pesquisadores do empreendedorismo e para a sociedade em geral.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Empreendedorismo e mulheres empreendedoras

Chiavenato (2012) em resgate da história do empreendedorismo observa que o termo empreendedor (derivado da palavra francesa *entrepreneur*) foi usado pela primeira vez em 1725 pelo economista Richard Cantillon, que dizia ser *entrepreneur* um indivíduo que assume riscos. Chiavenato resgata ainda um dos primeiros autores a conceituar o empreendedorismo, Frank H. Knight (1967), o qual afirmou que “o comportamento do empreendedor reflete um tipo de pessoa que pretende colocar sua carreira e segurança pessoal na linha e assumir riscos em nome de uma ideia” (CHIAVENATO, 2012, p.8).

Bernardi (2017) considera empreendedor pessoas visionárias, líderes, realizadores, persistentes. Argumenta que o sucesso do empreendimento está atrelado ao espírito empreendedor, e que é necessária disposição para enfrentar os inúmeros obstáculos encontrados diante do dinamismo existente no mercado, devendo utilizar-se de estratégias que possam superar esses desafios. Observa que existem diferenças entre espírito empreendedor e o ato de empreender por necessidade financeira. Deve-se enfatizar que, mesmo os empreendedores surgidos por necessidade, podem descobrir a existência do espírito empreendedor, pois para Dornelas (2008, p. 23), [...] “o processo empreendedor pode ser

ensinando e entendido por qualquer pessoa, e o sucesso é decorrente de uma gama de fatores internos e externos ao negócio". Ou seja, é possível aprender a empreender, e os que não absorvem, acabam ficando pelo caminho (DORNELAS, 2008).

O *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) define o empreendedor como o indivíduo capaz de captar toda e qualquer oportunidade objetivando atingir, mesmo que através de muito esforço individual, recursos para alcance desses objetivos. Destaca dois tipos de empreendedores; o empreendedor por oportunidade, definido como capazes de identificar uma chance de negócio possuindo ampla visão, empreendendo mesmo tendo estabilidade financeira. E o empreendedor por necessidade, caracterizado como os que decidem empreender por falta de espaço no mercado de trabalho, visando apenas a sua subsistência e de seus familiares (GEM, 2016).

O GEM do ano de 2016 (SEBRAE, 2017) realizou uma análise geral da Taxa Total de Empreendedores -TTE, impactando em termos de emprego e renda, a qual chegou a 36%, colocando o Brasil em 4º lugar, entre os 65 países pesquisados pelo GEM, sendo que a taxa de abertura de novos negócios (TEA), apresentou crescimento de 19,9% entre as mulheres (equilibrado com o crescimento do empreendedorismo entre os homens no mesmo período). A partir desse olhar, é necessário enfatizar esses resultados para o desenvolvimento do empreendedorismo na região Norte especificamente na região da Amazônia e a atuação das mulheres nesse contexto.

Gomes, Santana e Silva (2005) identificam que as mulheres possuem desafios que vão além das dificuldades básicas impostas ao empreendedorismo e para as empresas de micro e pequeno porte. Além das barreiras comuns a todos os empreendedores, as mulheres precisam lidar com as dificuldades relacionadas à herança cultural que as impõe o papel de cuidadoras do lar e a tarefa da criação dos filhos.

Jonathan e Silva (2007) abordam que a condição de ser mulher influencia os ideais e o comportamento das empreendedoras, principalmente a maternidade. Andrade (2009) demonstra que existem barreiras invisíveis enfrentadas pelas mulheres diariamente, confirmando a existência cultural de uma sociedade que limita o espaço feminino no mundo dos negócios. Nesse sentido, Santos, Muquiutti, Costa, Said, Pinto Junior (2017) em uma abordagem histórica destacam que as mulheres que viveram entre as décadas de 60 e 70, já almejavam o rompimento dessa herança cultural, impondo sua presença nas escolas e universidades, colocando em primeiro lugar o estudo e carreira profissional.

Rosa, Moraes e Menezes (2017) expõem a situação das mulheres na região Norte, por ocupação, evidenciando um crescimento considerável de mulheres empreendedoras. Quando comparados os números das mulheres empreendedoras com relação às mulheres assalariadas, observa-se que são mais mulheres empreendendo por conta própria do que trabalhando de forma assalariada, dando a ideia de que a falta de abertura no mercado de trabalho nesta região pode ser considerada um dos principais motivos que levam as mulheres a exercer o empreendedorismo por necessidade.

Evidencia-se que na região Norte mulheres com menor instrução preferem o trabalho assalariado, ou seja, evitam os riscos que o ato de empreender trás e objetivam a estabilidade financeira, assim, as mulheres enxergam o empreendedorismo como última opção para a falta de oportunidades no mercado de trabalho, como se percebe, empreendem por necessidade. Já as mulheres com maior grau de escolaridade tendem a empreender por oportunidade, conseguem administrar melhor seu empreendimento e conseqüentemente possuem maior rendimento (ROSA *et al.*, 2017).

Nota-se que mesmo com constantes lutas para o rompimento dessas barreiras, essas heranças sociais continuam presentes nos dias atuais. Dentre as dificuldades os autores ressaltam os obstáculos que as mulheres possuem em conciliar suas rotinas inerentes ao trabalho com suas atividades domésticas, tentando encontrar o equilíbrio necessário entre a vida profissional e pessoal, assim algumas mulheres adquirem o sentimento de culpa por não estarem se dedicando integralmente ou em tempo considerável a educação dos filhos e as tarefas do lar. Essas situações podem determinar, por exemplo, diferenças na saúde, vida familiar, bem-estar geral e o crescimento profissional dessas mulheres (SANTOS, *et al.*, 2017).

2.2 Trajetória de vida e práticas gerenciais

Para Libório e Salvan (2015, p. 11, 12), cultura refere-se à herança social da humanidade. A cultura é fundamental para basear o aspecto sociocultural, este pode ser classificado como ideias, comportamentos ou simbolização de comportamento, incluindo a cultura material (LIBÓRIO; SALVAN, 2015).

Rodrigues (2012) destaca algumas peculiaridades pertencentes aos indivíduos situados no estado do Pará, possuem cultura própria, fisionomia específica, predominando elementos indígenas, mesclado a caracteres negros e europeus, caboclos, mulatos, tapuios, mestiços, portugueses, paraoaras, amazônidas, e uma imensidão de outras raças. Quanto a linguagem é uma mistura entre a língua indígena, europeia e a africana, essa mistura histórica compõe as expressões populares usadas pelos paraenses, caracterizando a formação da identidade dessa região capaz de recriar sua própria realidade cultural. Já a religião, possui forte ligação com elementos mitológicos, de encantarias e lendas, evidenciando a relação com a natureza. Queiroz (2016, p. 197) descreve como principal identidade religiosa do paraense o Círio de Nazaré, uma das maiores manifestações religiosas do país (RODRIGUES, 2012; QUEIROZ, 2016).

Nesta perspectiva, diante dos da influência social, ambiental e cultural sofridas ao longo do tempo faz-se necessário entender a relevância das práticas gerências empreendedoras, bem como, sua importância para o desenvolvimento econômico. Essas práticas gerências estão diretamente ligadas à ciência contábil mais precisamente a contabilidade gerencial. Para Horngren (1985, p. 11), “[...] a contabilidade administrativa pode ser entendida melhor como um tema de custo benefício associado a uma consciência da importância dos efeitos comportamentais”. É a Integralização de informações ajudando na tomada de decisões.

Assim Marques (2011, p. 7, 11) define a contabilidade gerencial como um conjunto informações úteis e relevantes apresentadas ao administrador da empresa para tomar as melhores decisões e manter o desenvolvimento. Esse conjunto de informações utiliza-se de várias técnicas e procedimentos contábeis já conhecidos e tratados na contabilidade financeira, na contabilidade de custo, na análise financeira, de balanço, entre outros. E quando colocadas numa perspectiva mais analíticas são fundamentais para auxiliar os gerentes das entidades em seu processo decisório (MARQUES, 2011).

O Pronunciamento *International Management Accounting* (IMAP), ou seja, declaração de Prática de Contabilidade de Gerenciamento Internacional é um documento que foi desenvolvido na forma de estrutura conceitual e apresentava os objetivos, tarefas e parâmetros da contabilidade gerencial. Assim, define a contabilidade gerencial como “a aplicação prática de padrões, princípios e práticas aceitos para os requisitos de informação de todas as organizações e o uso desta informação no controle e operação das organizações”. (GRANDE; BEUREN, 2011; IMAP, 2000).

Dando ênfase ao empreendedorismo, Santos *et al.* (2016) destacaram que as ferramentas gerenciais se tornam cada vez mais imprescindíveis para a sobrevivência de médios e pequenos empreendimentos, porém nem sempre valorizadas o que causa grande transtorno a esses empreendedores. O autor destaca que para uma tomada de decisão eficiente é necessário que esses gestores utilizem esses instrumentos os quais possuem informações confiáveis, fidedignas e oportunas auxiliando ao processo decisório. E não apenas tomando suas decisões baseando-se em usos e costumes, ou seja, de forma intuitiva, porém isso ocorre na grande maioria por desconhecimento dos gestores ou por não estarem convencidos da utilidade dessas ferramentas no processo de gestão, causando dificuldades na administração e até mesmo descontinuidade do negócio (SANTOS; DOROW; BEUREN 2016).

Nesse sentido Frezatti *et al.* (2015), consideram a estratégia como um elemento fundamental do sistema de controle gerencial em uma organização, a ausência de um planejamento de estratégia demonstra que os instrumentos gerenciais não estejam disponíveis ou em uso. Almeida (2014) relata que, a informação gerencial é mais interpretativa e relevante, quanto à situação real da empresa, atendendo seus usuários internos e influenciando as decisões que os gestores podem usar diante das informações contidas nos relatórios. Assim através desses instrumentos é possível medir e avaliar o desempenho real de cada componente organizacional criando ações corretivas para alcançar os objetivos planejados (FREZATTI, 2015; ALMEIDA, 2014).

Gáudio e Campos (2014) em sua pesquisa concluem que no âmbito de pequenos e médios empreendimentos, as ferramentas de controle podem ser divididas em ferramentas operacionais de gestão, considerado um eficiente controle operacional, no qual se utiliza do gerenciamento do caixa, das vendas/recebimentos, das compras/pagamentos, dos estoques/logística e da produção; dos custos/despesas; do pessoal/folha e do ativo permanente. Quanto ao processo de tomada de decisão e monitoramento pode ser feito através de indicadores financeiros ou não financeiros, são diversos índices que permitem ao gestor verificar o retorno sob o investimento feito, retorno sobre o lucro obtido, retorno sobre o Patrimônio líquido assim como também sobre os ativos da empresa. Por fim, o controle de avaliação de desempenho tem por objetivo verificar se tudo está em conformidade, pois o contrário pode levar a empresa tomar uma decisão com base em uma informação errada, prejudicando toda a cadeia gerencial (GÁUDIO; CAMPOS, 2014).

Para que o ciclo de planejamento seja iniciado é preciso aprofundar o conhecimento referente às ferramentas mencionadas anteriormente, escolher as mais adequadas que possam ser úteis dentro da organização. Dessa forma, Santos e Pimentel (2015), evidenciam que as ferramentas gerenciais podem ser divididas de uma forma resumida em práticas tradicionais as quais estão focadas nas questões internas e financeiramente orientadas, tendo como principais ferramentas; custeio por absorção, custeio variável, custeio padrão, preço de transferência, orçamento, valor presente etc. Já as práticas modernas estabelecem informação financeira e não financeira que evidenciam a estratégia suas principais ferramentas; ABC -*Activity-Based Costing* que é o custeio baseado por atividade, o custeio meta, *benchmarking* sendo a avaliação comparativa, EVA - *Economic Value Added* – valor econômico adicionado, o *balanced scorecard* – indicadores equilibrados, o planejamento estratégico, entre outros (SANTOS; PIMENTEL, 2015).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa possui abordagem qualitativa, que é um processo prático entre o mundo real e o pesquisador, de forma direta, pois vai ao encontro do objeto a ser pesquisado em uma relação entre sujeito e objeto e/ou sujeito e objeto. Dessa forma é possível interpretar e alcançar as

respostas necessárias para o entendimento dos fenômenos pesquisados. Quanto aos objetivos é de natureza exploratória, onde há a existência da aproximação com o problema, determinando os contatos iniciais com os fenômenos do objeto pesquisado, através de entrevistas com pessoas que vivem situações da pesquisa (FARIAS FILHO; ARRUDA FILHO, 2015, p. 63).

Assim, para os procedimentos foi utilizada a entrevista semiestruturada, a qual possui questões mais livres e que requerem respostas detalhadas, através de um roteiro preparado antecipadamente e que são abordadas de forma flexível e conforme as respostas e o comportamento do entrevistado o entrevistador pode acrescentar novas perguntas complementando as pré-estabelecidas (FARIAS FILHO; ARRUDA FILHO, 2015, p. 98).

Para isso, o instrumento utilizado foi o roteiro de entrevistas, caracterizado por Farias Filho e Arruda Filho (2015) como a reunião de questões elaboradas e aplicadas pelo próprio entrevistador criando uma situação de proximidade entre o mesmo e o entrevistado.

A pesquisa foi realizada no Estado do Pará, na região metropolitana de Belém, utilizando-se a amostra por conveniência de cinco empreendedoras de origem culturais, sócio econômico, de idade e ramos de atividade diferentes. A seleção foi realizada de acordo com indicações recebidas sobre empreendedoras dispostas a colaborar com a pesquisa.

A elaboração do roteiro de entrevistas foi baseada nos estudos teóricos dessa pesquisa e nos formulários elaborados por Santos *et al.* (2017), contendo 26 questões abertas para resposta, encontra-se em apêndice nessa pesquisa. Foi aplicado pessoalmente, gravado e transcrito, durante os meses de abril e maio de 2018, na região metropolitana de Belém – Pará.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A apresentação e análise dos resultados foi dividida de acordo com a natureza dos questionamentos e os objetivos da investigação. Primeiramente, foi levantado o perfil sociodemográfico das participantes, dificuldades encontradas para empreender, na sequência as motivações e estímulos para empreender, a realização de uma autoanálise empreendedora e finalizando a apresentação dos resultados, o uso das ferramentas gerenciais.

4.1 Análise do perfil sociodemográfico das participantes

O quadro 1 apresenta o resultado do levantamento do perfil sociodemográfico das empreendedoras entrevistadas, que corresponde as perguntas de número um a três do roteiro de entrevistas.

As empreendedoras estão na faixa média de 49 anos de idade, sendo as mais jovens com 40 anos e a mais velha com 69 anos. Em relação ao estado civil mostra-se que três delas são casadas, uma divorciada e uma viúva. Quanto à ascendência, uma delas possui ascendência de portugueses e árabes, enquanto as outras possuem ascendência brasileira, quanto à naturalidade todas são paraenses.

Relacionando à crença, duas se dizem cristãs evangélicas e três cristãs católicas. Na escolaridade, existe uma diversidade neste quesito, uma possui apenas o ensino fundamental incompleto, duas concluíram o ensino médio, uma possui ensino superior incompleto, uma possui superior completo.

Quadro 1 - Informações sociais e demográficas das empreendedoras entrevistadas

Entrevistada	Idade	Estado Civil	Ascendência	Naturalidade	Origem socioeconômica	Crença	Escolaridade	Filhos	Arrimo de família	Quantas pessoas moram na residência
E1	40	Casada	Brasileira	Belenense	Média	Evangélica	Superior incompleto	3	Não	5
E2	42	Casada	Brasileira	Isabelense	Baixa	Evangélica	Médio completo	2	Não	2
E3	40	Casada	Portugueses e Árabes	Belenense	Média	Católica	Mestrado incompleto	2	Não	3
E4	54	Divorciada	Brasileira	Belenense	Baixa	Católica	Médio completo	4	Sim	2
E5	69	Viúva	Brasileira	Cametaense	Baixa	Católica	Fundamental incompleto	2	Não	2

Fonte: dados da pesquisa.

Com relação a ter filhos, todas possuem filhos; cujas faixas etárias são: a entrevista E1 possui filhos entre 17, 10 e 6 anos, a entrevistada E2 de 23 e 19 anos, a entrevistada E3 entre 15 e 11 anos, a entrevistada E4 com idades entre 36, 35, 31 e 30 anos e por fim a entrevistada E5 com 48 e 46 anos de idade. Com relação a ser arrimo de família, apenas a entrevistada E4 é responsável pelo sustento do seu núcleo familiar. Quanto à quantidade de pessoas que moram na mesma residência três das entrevistadas possuem dados iguais com dois integrantes cada, sendo a diferença entre a entrevistada E1 com cinco integrantes e a entrevistada E3 com três integrantes. Com isso, observa-se que o perfil das entrevistadas é um perfil heterogêneo com diferenças significativas na cultura, na origem, na ascendência os quais podem refletir nas suas práticas gerenciais.

4.2 Motivações e incentivos para empreender

Nesse item são analisadas as motivações e incentivos que as entrevistadas tiveram para empreender, compreende as questões de número quatro a seis do roteiro de entrevista.

A E1 alegou que o ato de empreender surgiu através da profissão de costureira de sua mãe, além do que a entrevistada se mostra uma apaixonada pela profissão. Nas palavras da mesma: “Foi à paixão mesmo pelo artesanato, a vontade mesmo de produzir... (E1)”.

Em contato com a E2, constatou-se que seu maior impulsionador para empreender foi a realização pessoal, enxergou no empreendedorismo a oportunidade para alcançar sua liberdade financeira, e realização de sonho, pois, mesmo tendo uma vida financeira estável ao lado do primeiro marido, sentia-se oprimida pelo autoritarismo do mesmo. A oportunidade de realizar seus sonhos foi determinante para o divórcio, as dificuldades existentes após a separação foram usadas como impulsionador no o alcance de seus objetivos. Nas suas palavras: “Foi à vontade de ter o próprio negócio, de trabalhar de ser alguém... Aquele medo de não dar certo, foi aí que eu comecei a criar forças... (E2)”.

Para a E3, o fator determinante foi à oportunidade de investir no próprio negócio, tendo o empreendedorismo como realização pessoal. Porém a E4, enxergou no empreendedorismo a chance de poder se manter financeiramente. Como relata: “Foi por uma necessidade financeira, eu vi uma chance de poder me manter. Eu fiz um empréstimo e coloquei o negócio... (E4)”.

A E5 relata que no início o empreendedorismo teve como objetivo principal apenas sua subsistência, porém com o tempo o vislumbrou como sonhos a serem realizados que vão além

de suas necessidades financeiras. Em suas palavras: “Aqui, já era um sonho trabalhar no mercado Ver- o- Peso... (E5)”.

Em confronto da revisão de literatura as entrevistadas E1, E2 e E3 são classificadas como empreendedoras por oportunidade, são pessoas visionárias, líderes, realizadoras, persistentes onde o sucesso do empreendimento está atrelado ao espírito empreendedor, conforme Bernardi (2017) observa. Já as entrevistadas E4 e E5 são classificadas como empreendedoras por necessidade, decidindo empreender pela falta de espaço no mercado de trabalho, visando inicialmente apenas o seu sustento e de seus familiares. Em destaque encontra-se a entrevistada E5, que iniciou o ato de empreender por necessidade, porém viu no empreendedorismo a realização de sonhos, indo de encontro ao pensamento de Dornelas (2008) o qual expõe que mesmo os empreendedores surgidos por necessidade, podem descobrir a existência do espírito empreendedor.

Quanto a ser incentivadas, a E1 obteve apoio de sua irmã e esposo. Já E2 relata que não teve incentivo de terceiros e que seu maior incentivo foram as dificuldades encontradas. A E3 teve como principal incentivador seu esposo que também é seu sócio, bem como a entrevistada E4, que destacou seus filhos como seus principais incentivadores. E a E5 destacou que recebeu incentivo de uma irmã e uma amiga, as quais foram fundamentais para o início do processo.

Quando abordadas sobre a reação de seus familiares mais próximos, E1 relata que foram os primeiros a acreditarem no seu sucesso. Já a E2 foi desacreditada, achavam que não conseguiria devido sua falta de experiência no mundo dos negócios. A E3 alega que alguns acreditaram e apoiaram e outros ficaram preocupados. No relato da E4 ficaram surpresos, pois, não tinha experiência na área de atuação. E por fim, a E5 alega que inicialmente teve resistência por parte de seu pai, pois no pensamento dele mulher não podia trabalhar, além de considerar o local inapropriado para uma mulher, porém, após muita resistência, o próprio pai acabou comprando o ponto para que a mesma começasse seu empreendimento.

Verifica-se nesse quesito que todas foram incentivadas mesmo que forma indireta, as que não tiveram incentivos ou foram desacreditadas utilizaram essas negativas como impulsionador para seu crescimento e amadurecimento no mundo dos negócios.

4.3 Dificuldades encontradas para empreender

Nesse item são relatadas as dificuldades para empreender que as entrevistadas tiveram no início e possuem ainda hoje, compreende as questões de número sete a nove do roteiro de entrevista.

De acordo com a E1, as principais dificuldades no início do empreendimento, bem como atualmente, é a qualidade da mão de obra, afirma que poucas pessoas se preocupam em se aperfeiçoar, acredita que pesam apenas em sanar suas necessidades financeiras imediatas, não trabalhando na qualidade do produto para manter os clientes fiéis.

A falta de expertise nas transações comerciais foram as principais dificuldades observadas durante a entrevista com E2, pois, na aquisição do empreendimento inicial declarou que foi enganada, o que lhe causou grandes prejuízos tendo que trabalhar um ano somente para sanar as dívidas deixadas pelos antigos donos. Além da falta de prática na atividade. No seu relato: “Ninguém me conhecia, ninguém queria vender fiado pra (*sic*) mim, nem vender no nome da empresa, pensavam que eu era testa de ferro dos antigos donos, pra (*sic*) eu provar o contrário foi um ano só trabalhando pra (*sic*) me reerguer, sem ter lucro. Eu entrei de cabeça não tinha noção como se fabricava ração... (E2)”. Em relação às dificuldades atuais, expõe a burocratização que o governo impõe para obter o registro exigido pelo Ministério da

Agricultura, tendo tido como consequência a perda de mercadoria, de insumos, demissão de funcionários, além da venda de ativos entre outros, para poder reestruturar seu empreendimento de acordo com as exigências legais (E2).

Para a E3, considera os mesmos problemas iniciais e atuais, a mão de obra e a alta carga tributária. Nas suas palavras: “São as duas maiores dificuldades é a carga tributária desse país, porque nós temos um sócio majoritário que é o Governo e treinar a mão de obra, a qualificação é difícil” (E3).

No relato da E4, considera como dificuldades iniciais a falta de prática nas rotinas de atividade de salão de beleza, e também o assalto que sofreu este ano, foram pontos que a deixou bastante abalada a levando a pensar em desistir. Como dificuldades atuais afirma que a crise econômica em que o país passa atinge significativamente o seu ramo de atividade.

Para a E5, a violência que prevalecia na feira do Ver-o-Peso também abalou seu empreendimento no início, o que a fez pensar em desistir. Como dificuldades atuais, aborda a falta de infraestrutura, e as péssimas condições que a prefeitura dá aos empreendedores existentes no local. Observa que a violência dentro da feira diminuiu devido à união dos empreendedores, porém, muitos clientes têm medo de adentrar o local devido à péssima infraestrutura.

Quando perguntadas se sentiram algum preconceito por ser mulher e estar à frente de um empreendimento. A E1 declarou que sempre se sentiu valorizada, acredita que isso ocorre por sua atividade ser extremamente feminina (atelier de costura). O contrário ocorre com a E2, considerando que no seu ramo de atividade grande parte de seus concorrentes são homens, a mesma relatou que por diversas vezes sentiu-se prejudicada por alguns desses concorrentes pelo simples fato de ser mulher e estar à frente desta atividade (fabricante de rações). Para E3, o preconceito está mais atrelado à atividade que a mulher está inserida, pois antes de possuir a franquias de roupas infantis, possuía uma fábrica ligada a atividade de engenharia e até a forma de se vestir foi modificada devido o empreendimento está voltado para homens. Já no novo empreendimento (loja de confecção infantil) acredita que pela atividade exercida, nunca sentiu preconceito. A E4 declarou que nunca sofreu nenhum tipo de preconceito, pois considera que seu empreendimento está voltado mesmo para o público feminino (salão de beleza). E E5, por fim, afirma que nunca sentiu o preconceito de forma direta (feirante da feira do Ver-o-Peso), e quando percebe a existência de alguma forma, tenta se impor e superar. Em suas palavras: “Nunca falaram diretamente pra mim, eu me imponho, quando chegam a falar alguma coisa eu logo corto, eu digo a mulher não é só pra cozinhar, cuidar de casa (E5)”.

Observa-se, portanto, que as dificuldades existentes entre as entrevistadas são equivalentes e consistem, inicialmente a falta de conhecimento nas transações comerciais, violência no ambiente de trabalho, e na falta de prática nas atividades exercidas dentro do ambiente empreendedor. Porém, o destaque encontra-se nas dificuldades que permanecem atuais como na qualificação de mão de obra, o excesso de burocratização que o Governo impõe, falta de incentivo e infraestrutura por parte dos entes públicos, alta carga tributária e a crise econômica. Gomes, Santana e Silva (2005) relatam que as dificuldades básicas são impostas ao empreendedor de forma geral, porém, além das barreiras comuns a todos os empreendedores, as mulheres precisam lidar com as dificuldades relacionadas à herança cultural, abordado por Andrade (2009) que demonstra que existem barreiras invisíveis enfrentadas pelas mulheres através da existência cultural de uma sociedade que limita o espaço feminino no mundo dos negócios.

4.4 Autoanálise empreendedora

Nesse item é levantado como as entrevistadas se veem como empreendedoras, de acordo com as questões de número 10 a 14 do roteiro de entrevistas. O quadro 2 apresenta elementos do diagnóstico empreendedor das mulheres. Adicionalmente, as entrevistadas foram questionadas acerca do seu entendimento sobre o que é o empreendedorismo (questão 16).

As entrevistadas apresentam estabilidade quanto ao tempo de funcionamento de seu empreendimento, sendo o mais novo com seis anos e o mais antigo com 47 anos. Em relação a legalização, foi observado que todas consideram importante, no entanto, destacamos a entrevistada E5 que apesar de possuir maior tempo de funcionamento e concordar com essa importância, a mesma não possui seu empreendimento legalizado, para ela antigamente não existiam as facilidades atuais, e por falta de conhecimento possui medo de ter que arcar com alta carga tributária. Na sua fala: “Não sou legalizada, já me chamaram pra ir ao SEBRAE, mas eu ainda não entrei nesse negócio, porque dizem que tem que pagar muito imposto. Mas eu acho que se eu tivesse lá, eu tava melhor... (E5)”.

Quadro 2 - Elementos do diagnóstico empreendedor

Entrevistada	Tempo de funcionamento	Tempo de legalização do negócio	Considerar-se empreendedora	Empreendedores na família	Horas diária de dedicação ao empreendimento	Quanto a conciliar o tempo entre seu trabalho as tarefas domésticas e o convívio familiar
E1	20 anos	5 anos	Com certeza	Esposo	8 horas diárias	Sem dificuldades
E2	11 anos	10 anos	Sem dúvida	Dois irmãos	8 à 9 horas	Sem dificuldades
E3	6 anos	6 anos	Sim	Dois irmãos	12 horas	Com dificuldades
E4	10 anos	5 anos	Com certeza	Não	10 horas	Com dificuldades
E5	47 anos	Não	Sim	Filho, irmã e dois sobrinhos	9 à 10 horas	Com dificuldades

Fonte: dados da pesquisa.

Todas as entrevistadas afirmaram com convicção se considerar empreendedoras, quanto a possuir outros empreendedores na família apenas a E4 não possui, as demais alegaram possuírem como, esposo, irmãos, filhos e sobrinhos. Esse resultado remete aos estudos Dornelas (2008, p. 23), [...] “O processo empreendedor pode ser ensinado e entendido por qualquer pessoa, ou seja, é possível aprender a empreender”, com pessoas empreendedoras e encorajamento, é mais fácil e simples engajar no processo.

Com a relação à carga horária diária dedicada ao empreendimento, quatro das entrevistadas alegam dedicar mais de 8 horas, apenas a E1 relata que utiliza horário comercial para exercer suas atividades. Ao analisar o tempo relacionado entre o empreendimento e as tarefas domésticas familiares e para si próprias, observa-se que a empreendedora E1 é uma privilegiada, pois, suas atividades são realizadas na sua própria residência, além de possuir uma pessoa para ajudar nas tarefas domésticas, dessa forma ela consegue administrar seu tempo e educar seus filhos diretamente. Assim, como a E2 relata que apesar de dedicar apenas os finais de semana a família, considera não ter maiores problemas com relação a isso, pois

seus filhos não residem mais na sua casa e as tarefas domésticas são divididas entre ela e o esposo. Para a E3, observou-se que a maior dificuldade está atrelada ao tempo dedicado aos filhos, o que várias vezes a deixa com o sentimento de culpa pelas longas horas ausente de casa. A E4 destina apenas os domingos para ela e família, ela aborda que sua maior dificuldade na conciliação de tempo está ligada a atividade exercida no seu empreendimento, já as tarefas domésticas são divididas com seu filho. Da mesma forma a E5, relata que a dificuldade na distribuição do tempo está relacionada a atividade do empreendimento. Conforme declara: “Eu só tiro folga quando to (*sic*) doente, quem trabalha com frutas fica presa. (E5)”.

Nota-se que as entrevistadas tentam encontrar o equilíbrio necessário adequando entre as atividades profissionais e as questões pessoais. Porém, em relação aos cuidados dos filhos destaca-se a E3 com filhos na faixa etária de 15 e 11 anos, e por ter suas atividades exercidas fora da sua casa, o seu relato está de acordo com a percepção de Santos *et al.* (2017) o qual descreve que algumas mulheres adquirirão o sentimento de culpa por não estarem se dedicando integralmente ou em tempo considerável a educação dos filhos e as tarefas do lar.

Adicionalmente, as entrevistadas foram questionadas acerca do seu entendimento sobre o que é o empreendedorismo (questão 16). Observa-se que as entrevistadas E2 e E3 estão em conformidade ao pensamento de Chiavenato (2012) e Bernardi (2017), que afirmam que ao empreender o indivíduo que assume riscos, e precisa disposição para enfrentar os inúmeros obstáculos encontrados, relacionando isso ao espírito de empreendedor, e utilização de estratégias que possam superar os desafios. Entre as entrevistadas E1, E4 e E5 percebe-se que são empreendedoras por vocação, sem perceber exatamente seu papel como empreendedora, considerando que empreendedorismo vai muito além da busca de crescimento do negócio ou financeiro, sendo um conjunto de fatores, atrelado à realização pessoal, com qualidades idealistas, incomuns, enxergando tendências e conceitos que estão à frente de seu tempo.

4.5 Uso de práticas gerenciais

Nesse item é levantado o entendimento das entrevistadas acerca de suas práticas gerenciais, de acordo com as questões de número 17 a 26. O quadro 3 apresenta as práticas gerenciais utilizadas pelas mulheres.

Quanto à administração do negócio três das entrevistadas administram com o auxílio de seus esposos, entre elas diferencia-se a E3 que relata que toda parte da administração do empreendimento é delegada ao esposo que também é seu sócio. Já a E4 e E5 administram sozinhas. Verifica-se que essas mulheres estão à frente da atividade do empreendimento, algumas apenas são auxiliadas por seus esposos, confirmando o empoderamento da mulher no mercado de trabalho.

Com relação à precificação, apenas a E2 utiliza sistema para elaborar o preço de seus produtos e/ou serviços, onde são inseridos todos os custos, as despesas fixas e variáveis e o próprio sistema informa o valor que deve ser passado para o mercado, para a E3 por seu empreendimento ser uma franquia os preços já são tabelados iguais para todas as localidades. Enquanto a E1 e E5 estabelecem de forma manual onde são inseridos o preço do material ou mercadoria e somando a eles despesas com transportes, tempo gasto e mais um valor para colocar a venda no mercado. A E4 analisa o valor a ser cobrado na hora da realização do serviço, como sua atividade é ligada a estética o valor do serviço prestado dependerá do tamanho, e da estrutura do cabelo, por exemplo. Tomando como base o pensamento de Santos, Dorow, e Beuren (2016), que para a tomada de decisão eficiente é necessário que esses gestores utilizem instrumentos os quais possuem informações confiáveis, fidedignas e

oportunas que auxiliam no processo decisório, não podem ser baseadas em usos e costumes, ou seja, de forma intuitiva, logo, se avalia a necessidade de algumas empreendedoras investirem mais no desenvolvimento dos processos administrativos.

Quadro 3 - Ferramentas gerenciais utilizadas

Entrevistada	Auxílio na parte administrativa	Como estabelecer o preço de seus produtos/serviços	Especificar se possui lucro ou prejuízos	Possuir controle de entradas e saídas de valores	Quanto a possuir controle de estoque	Controle de custos e despesas	Quanto a possuir melhorias a curto e longo prazo	Considerar importante a organização administrativa	Quanto ao entendimento das ferramentas gerenciais
E1	Não	Sim, manual	Sim	Sim, no caderno	Não	Não tem	Sim	Sim	Não tem clareza
E2	Sim, esposo	Sim, utiliza sistema	Sim	Sim, no sistema	Sim, no sistema	Sim	Sim	Sim	Não consegue classificar
E3	Sim, sócio esposo	Sim, tabelados pelo franqueador	Sim	Sim, no sistema	Sim, no sistema	Sim, sistema	Sim	Sim	Sim
E4	Não	Sim, manual	Sim	Não possui	Não	Não possui	Sim	Sim	Não sabe responder
E5	Não	Sim, manual	Sim	Sim, no caderno	Sim	Sim	Sim	Sim	Não sabe responder

Fonte: dados da pesquisa.

Com relação a saberem se possuem lucro ou prejuízos, todas as entrevistadas afirmaram conseguir mensurar, a E1 relata que sempre que investe na compra de algum material há sobras as quais aproveita para elaborar novos produtos, a E2 diz especificar seu lucro através do sistema o mesmo utilizado na precificação dos produtos. Já a E3, cita como exemplo para especificar sua lucratividade que somente o imposto pago em um determinado mês em uma de suas lojas foi maior do que toda a lucratividade da outra loja de menor porte. E4 realiza retiradas de valores a qualquer momento, assim diz possuir lucratividade, porém reconhece não ter controle de fato. E por fim a E5, realiza retirada semanal, relata que consegue pagar suas contas. Apesar de afirmarem conseguir especificar a obtenção de lucratividade nenhuma delas relatou utilizar algum índice ou indicador financeiro para mensurar e avaliar o resultado, sendo que a que mais se aproximou foi a E3. Ressalta-se Gáudio e Campos (2014), quanto a necessidade de monitoramento por meio de índices.

Quanto ao controle de entradas e saídas, E1 utiliza anotações pessoais das suas contas mensais. E2 utiliza o sistema para entradas e saídas de notas fiscais, além de não misturar o dinheiro da empresa com as despesas pessoais. E3 informou que as entradas e saídas são realizadas com controle de notas fiscais no sistema das lojas. A E4 diz não ter controle não utiliza nenhum método. Já a E5, utiliza para o controle um caderno, aonde vai anotando o que entra e todas as contas a pagar. Indicando certa preocupação das empreendedoras com o controle de caixa. Quanto ao controle de estoque, das cinco entrevistadas duas não possuem controle de estoque, a E1 diz não possuir controle de estoque de material e nem de mercadoria, pois trabalha por encomenda, assim como a E4 (que é prestadora de serviços) não possui, compra novas mercadorias conforme verifica que estão acabando, não nunca utilizou nenhum sistema. Já a E2 controla seus estoques no sistema, a E3 usa o sistema fornecido pelo franqueador e uma vez por ano realiza inventário, e a E5 controla seu estoque de forma

manual, como seus produtos são perecíveis procura vender os que entraram primeiro. Para Almeida (2014) a gestão cautelosa dos estoques permitirá desenvolver suas operações sem problemas, com continuidade. Por exemplo, se uma organização fabrica produtos que dependem de matérias-primas, é evidente que a empresa precisa de um bom estoque de matérias-primas para que as operações sigam sem contratemplos.

Para o controle de custos e despesas as entrevistadas relatam da seguinte forma, a E1 relata que possui controle dos custos, já as despesas, acredita não ter necessidade de inserir no valor do produto. A E2 utiliza o sistema para controlar, assim como a E3 que utiliza como forma de controle o sistema. A E4 não sabe do que se trata e a E5 não possui sistema, relata que são controlados da seguinte forma, tudo é anotado em um caderno como, o dinheiro da mercadoria, o valor pago ao carregador e para seu ajudante, porém não sabe diferenciar despesas e custo. Gáudio e Campos (2014) também destacam como ferramentas importantes a produção a qual se utiliza dos custos e despesas, Martins (2003) define os vários tipos de custeio, como o custeio por absorção, o custeio variável, o custeio padrão como o valor predeterminado por gestores para atingir metas na fabricação de um produto ou serviço em um determinado período.

Por fim, as entrevistadas foram abordadas quanto ao entendimento do uso e utilidade das ferramentas gerenciais. As entrevistadas E1 e E2 alegam possuir entendimento, mas não souberam explicar de forma clara, ou classificar quais seriam. Para a E3, as ferramentas gerenciais são processos, os quais podem ser classificados, como na contratação de um funcionário, na arrumação da loja, os controles de estoque, entre outros todos são eficazes porque são realizados através de ferramentas gerenciais. Já a E4 e a E5 informam não ter conhecimento. Considerando os , dessa forma, não apreendem todo o potencial informacional e de tomada de decisão que as ferramentas poderiam conceder à quem delas se utiliza.

5. DISCUSSÃO SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA E O USO DE PRÁTICAS GERENCIAIS

Observa-se que apesar de possuir menor nível de escolaridade, e vindo de um ambiente socioeconômico baixo, a entrevistada E5 diferencia-se de forma positiva pela sua percepção empreendedora na resposta da maioria das questões abordadas em relação às práticas gerenciais. A empreendedora E5 é a mais velha do grupo, com 69 anos de idade, viúva, cristã católica, no mercado com 47 anos de atividades e consegue administrar sozinha seu empreendimento. Nesse ponto iguala-se a empreendedora E4, sendo a segunda com mais idade, com 54 anos, possui nível médio completo e é divorciada, como religião limita-se em dizer acreditar em Deus e, também, administra sozinha seu empreendimento. Ainda em comum, E4 e E5 possuem os filhos já adultos que não dependem mais de si. Já as empreendedoras E1, E2 e E3, são casadas e recebem algum auxílio externo para cuidar da parte administrativa.

Observa-se que as diferenças e similaridades no uso das práticas gerenciais na atividade empreendedora não parece sofrer influência da origem sociocultural da pessoa. Por exemplo, existe uma igualdade entre a E1 e a E5 na adoção de práticas de precificação dos produtos apesar de existir diferenças socioculturais e econômicas entre ambas, de idade, de geração (faixa etária), nível de escolaridade e religião.

Um ponto importante que deve ser levado em consideração está na diferença no que tange a parte a estabelecer a lucratividade da empresa. Nenhuma conseguiu relatar de forma clara ou demonstrou conhecimentos específicos de gestão sobre como apurar o lucro ou mensurá-lo por meio de índices para a melhor tomada de decisão.



Dentre todos os pontos abordados a E4 é considerada a que possui menor entendimento, as E2 e E3 são as que utilizam critérios de sistematização isso ocorre pelo porte de seus empreendimentos, já a entrevistada E1 e E5 se aproximam quanto aos critérios das ferramentas manuais utilizadas por elas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou estudar se, a trajetória de vida de mulheres empreendedoras influenciou no uso de práticas gerenciais na gestão de seus empreendimentos. Adicionalmente, foi possível observar a percepção que as mesmas possuem sobre o que é o empreendedorismo, seu papel empreendedor, o entendimento e o uso de ferramentas gerenciais, dentro do contexto formado por sua origem sociocultural e econômica. Para a concepção dos objetivos foi feito primeiramente uma revisão de literatura onde foram destacados os principais aspectos sobre empreendedorismo, conceitos, os tipos de empreendedores, assim como, a posição da mulher no ato de empreender, aspectos socioculturais, econômicos e por fim o entendimento das ferramentas gerenciais. Após a revisão de literatura, foram entrevistadas cinco mulheres empreendedoras da região Metropolitana de Belém, a partir de um roteiro de entrevistas previamente organizado com 26 perguntas semiestruturadas.

Como resultado, de um modo geral, foi observado que as empreendedoras se sentiram incentivadas pela família e amigos no início das atividades empreendedoras, se dividindo entre mulheres que empreenderam por necessidade e as que empreenderam por oportunidade, possuem estabilidade em seus empreendimentos, se consideram empreendedoras e todas relataram a existência de dificuldades persistentes até os dias atuais, as quais são equivalentes e consistentes entre as entrevistadas. Com relação as horas de dedicação todas se dedicam entre 8 e 12 horas por dia aos seus estabelecimentos.

Quando questionadas sobre sua compreensão do que é empreendedorismo, foi observado que a maioria não conseguiu relatar de forma clara e objetiva o que seria o empreendedorismo, o que relata que suas atividades são exercidas de forma intuitiva. Da mesma forma, ao serem questionadas sobre o que são como utilizam ferramentas gerenciais, foi notada a existência de diferenças no entendimento e na forma de sua utilização. Os resultados ainda mostram que estão presentes no perfil delas, características como persistência, busca de oportunidades, iniciativa, comprometimento, persuasão e autoconfiança, as quais as definem como mulheres empreendedoras.

Deve-se enfatizar que o uso das ferramentas gerenciais para mensuração dos resultados e tomada de decisão é importante para a sustentabilidade empresarial, para o crescimento profissional dessas empreendedoras e crescimentos dos negócios, com consequente crescimento econômico da região onde as mesmas estão inseridas.

Quando analisada se a trajetória de vida exerce influência sobre a atividade empreendedora e o uso de ferramentas gerenciais, concluiu-se, de acordo com os depoimentos, que o ambiente sociocultural e econômico das entrevistadas não exerce influência sobre suas práticas, mulheres diferentes de origens e padrão sociocultural e econômicos diferentes exercem práticas gerenciais diferentes, sem que haja um padrão para tal.

Espera-se por fim, que esse estudo possa contribuir para a base de investigações relacionadas ao empreendedorismo da região Norte. Como sugestão para pesquisas futuras, pode-se investigar quais as ferramentas gerenciais podem ser melhores utilizadas dentro do empreendimento a depender da atividade exercida, em estudos específicos por atividade para o desenvolvimento empreendedor.



REFERENCIAS

ALMEIDA, Nathanne. Análise das contribuições da contabilidade gerencial na melhoria da gestão de uma empresa do ramo de corretagem de seguros. In: Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Minas - Faminas BH, 2014. Belo Horizonte. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/360518660/artigo-gerencial-pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

ANDRADE, Silvana Rodrigues. S. Para além do “teto de vidro”: o trabalho feminino e as representações do “ideal” de mulher executiva. **Revista Mosaico**, Rio de Janeiro, V.1, n.1, 2009. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v1n1.2009.62780>>. Acesso em: 20 out. 2017.

GÁUDIO, André; CAMPOS, Bruno. A utilização de ferramentas de controle gerencial em micro e pequenas empresa da região metropolitana do Rio de Janeiro. **Revista da Micro e Pequena Empresa - FACCAMP**, Campo Limpo Paulista, v.8, n.3, p. 66 - 78, 2014. Disponível em: < <https://doi.org/10.6034/692>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: Dando asas ao espírito empreendedor**. 4. ed. Barueri, SP: Manoele, 2012.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. p. 23.

FARIAS FILHO, M.C.; ARRUDA FILHO, E.J.M. **Planejamento da pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2015.

FORTES, G. P.; MATOS, D. V.; MONTENEGRO, L. M.; DE FREITAS, F. C. H. P. A Nova Sociologia Econômica e a Estratégia na pequena empresa: Contribuições ao Campo Do Empreendedorismo. In: **Encontro de estudo sobre o empreendedorismo e gestão de pequenas empresas**, 2016. Passo Fundo/RS. *Artigo*. Disponível em: <<https://www.egepe.org.br/2016/artigos-egepe/110.pdf>> Acesso em: 20 out. 2017.

FREZATTI, F.; BIDO, D. S.; CRUZ, A. P. C.; MACHADO, M. J. C. A estrutura de artefatos de controle gerencial no processo de inovação: existe associação com o perfil estratégico? In: **Brazilian Business Review**, Vitória, ES, V. 12, n. 1. Jan.- Fev. 2015. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.15728/bbr.2015.12.1.6>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). **Empreendedorismo na Região Nordeste do Brasil**, 2014. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/6fd4a23105470a8c7fdf65fbafd21f9a/\\$File/7738.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/6fd4a23105470a8c7fdf65fbafd21f9a/$File/7738.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2017.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). **Empreendedorismo no Brasil**, 2016. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/GEM%20Nacional%20-%20web.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

GOMES, F. A.; SANTANA, P. G. W.; SILVA, M. J. Mulheres empreendedoras: desafios e competências. **Revista Técnica Administrativa**, Buenos Aires, v.4, n.24, 2005. Disponível em: < <http://www.cyta.com.ar/ta0406/v4n6a1.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2018.



GRANDE, Jefferson Fernando; BEUREN, Ilse Maria. Mudanças de práticas de contabilidade gerencial: Aplicação da análise de discurso crítica no relatório da administração de empresa familiar. **Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, São Leopoldo, RS, V. 8, n 2. abril/junho 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4013/base.2011.82.03>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

HORNGREN, Charles. **Introdução à contabilidade gerencial**. Tradução de José Ricardo Brandão Azevedo. 5. ed. Prentice/Hall do Brasil, 1985.

INTERNATIONAL MANAGEMENT ACCOUNTING PRACTICE (IMAP). Malaysian: **In: The Malaysian Association of Public Accountants**, Malaysian 2000. Disponível em: <<http://www.micpa.com.my/micpamember/hb-management/mp.pdf>> Acesso em: 23 fev. 2018.

JONATHAN, E. G.; DA SILVA, T. M. R. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n1/a11v19n1>. Acesso em: 19 mar. 2018.

LIBÓRIO, Daisy; SALVAN, Ana Paula Henrique. **Antropologia e cultura**. 3. ed. São Paulo: Rede Internacional de Universidades Laureate, 2015. P. 11,12. Disponível em: <https://fiamfaam.blackboard.com/bbcswebdav/institution/laureate/conteudos/antropologia/eb ook/antropologia_cultura_unidade_3.pdf>. Acesso: 05 jan. 2018.

LIMA, Deborah; POZZOBON, Jorge. Amazônia socioambiental. Sustentabilidade ecológica e diversidade social. **In: Dossiê Amazônia Brasileira II**, 2005. Estud. av. vol.19 n.54 São Paulo 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142005000200004>>. 05 jan. 2018.

MARQUES, Wagner. **Contabilidade gerencial à necessidade das empresas**. 3. ed. Cianorte, Paraná: Atualizado, 2011.

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de Custos: O Uso da Contabilidade de Custos como Instrumento Gerencial de Planejamento e Controle**. 9. ed. Atlas S.A, São Paulo, 2003.

MONTALI, Lilia. Rearranjos Familiares de Inserção, precarização do trabalho e empobrecimento: **In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP**, 2004. Caxambú, MG, Brasil. **Anais**. Caxambú: 2004. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1403/1368>>. Acesso em: 20 out. 2017.

QUEIROZ, Pedro. Círio de Nazaré: Identidade religiosa, histórica e cultural do povo paraense. **Revista Regrad, UNIVEM**, Marília-SP, v. 9, n. 1, p 196-214, ago. 2016. Disponível em:

<<http://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/1320/453>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

RODRIGUES, Anderson. A complexidade da cultura amazônica e seu reflexo para a organização e representação da informação: **In: Novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, 2012. Disponível:<<http://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41309>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

ROSA, S. S.; MORAES, I. S.; MENEZES, G. R. A Contribuição Feminina no Empreendedorismo no Brasil. **In: VIII seminário internacional sobre o desenvolvimento regional: perspectivas e desafios**, 2017. Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. **Anais**. Santa Cruz do



Sul: 2017. Disponível em:

<<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/viewFile/16619/4206>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

SANTOS, G. J.; MUQUIUTTI, E.; COSTA, W. L.; SAID, R. A.; PINTO JUNIOR, D. M.

Empreendedorismo feminino no mercado de trabalho: uma análise de seu crescimento. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 3, n. esp, p. 450-464, 2017. Disponível em: <<http://www.brjd.com.br/index.php/BRJD/article/view/51/0>> Acesso em: 19 mar. 2018.

SANTOS, Silvana; PIMENTEL, Messias. Utilização de ferramentas contábeis gerenciais: Uma análise em grandes empresas de Manhuaçu/Mg. **In: I Seminário Científico da FACIG – Sociedade, Ciência e Tecnologia**, Minas Gerais, 2015. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 1985. v. 1, p. 80-102. Minas Gerais, 2015. Disponível em: <<http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/view/312>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

SANTOS, V.; DOROW, D. R.; BEUREN, I. M. Práticas gerenciais de micro e pequenas empresas. **Revista Ambiente Contábil**, Natal, RN, V. 8, n. 1. 2016. Disponível em: <<http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/Ambiente>>. Acesso: 23 fev. 2018.

SEBRAE. **As mulheres empreendedoras do Brasil: Evolução e Perfil das Mulheres Empreendedoras no Brasil**, 2011. Disponível em:<

<https://observatorio.sebraego.com.br/midias/downloads/15072013082103.pptx>>. Acesso em: 20 out. 2017.

SEBRAE. **O Empreendedorismo e o Mercado de Trabalho**, 2016. Disponível em:

<[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/6fd4a23105470a8c7fdf65fbafd21f9a/\\$File/7738.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/6fd4a23105470a8c7fdf65fbafd21f9a/$File/7738.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2017..php>. Acesso em: 13/06/2018.